

ALGUNS PRINCÍPIOS DO SISTEMA ALFABÉTICO DO PB PARA O ENSINO DA LEITURA A FALANTES DO ESPANHOL

Leonor Scliar-Cabral
Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq e-mail: lsc@th.com.br

ABSTRACT: A tool for teaching second languages to non native adult is developing metalinguistic and metacognitive strategies, which may facilitate overcoming those difficulties they have due to their conditioning of perceptual features and vocal gestures diverging from the language to be learnt. The alphabetic system of the Brazilian Portuguese language is one of those tools, by virtue of its extreme transparency on decoding.

KEYWORDS: *Second Language Teaching; Metalinguistic Strategies; Metacognitive Strategies; Alphabetic System of BP.*

0. Introdução

Esta apresentação está calçada em três pressupostos:

1) O ensino de línguas a falantes adultos não nativos deve também utilizar estratégias metalingüísticas e metacognitivas que poderão aplainar as dificuldades que tais falantes nativos têm, ao terem automatizado padrões perceptuais e gestos fonoarticulatórios que discrepem da língua a ser adquirida;

2) A aprendizagem da leitura e da escrita na língua-alvo, inteligentemente direcionada, poderá ser um dos instrumentos lingüísticos para tais estratégias metalingüísticas e metacognitivas, dado seu efeito retroativo sobre as unidades representadas na mente;

3) O sistema alfabético do PB, dada a sua extrema transparência para a leitura é, sem dúvida, um destes instrumentos (SCLIAR-CABRAL, 2003 a) e b).

A partir destes pressupostos, abordaremos quais os aspectos específicos para os quais o professor de português para falantes nativos do espanhol deverá atentar para aplicar tais estratégias.

1. Área de dificuldades perceptuais e fonoarticulatórias para os falantes do espanhol:

São as seguintes as áreas de maior dificuldade:

1.1 distinção entre as vogais [-alt, -bx] /e/ e /o/ das [+bx] /ε/ e /ɔ/;

1.2 distribuição distinta das consoantes em travamento silábico, em particular, das consoantes nasais: ditongos e vogais nasalizadas;

1.3 inexistência da oposição /s/ vs /z/;

1.4 diferenças de prosódia.

Em conseqüência, o professor em sala de aula deverá desenvolver a capacidade perceptual dos alunos, através de pares mínimos extraídos de textos que

estiver trabalhando, utilizando-se, inclusive, de pistas visuais (deslocamento do maxilar inferior para as vogais [+bx]) e tácteis (vibração das pregas vocais na [+son] /z/, em oposição à [-son] /s/, por exemplo.

No entanto, a contribuição maior desta apresentação diz respeito a como, a partir da aplicação dos princípios do sistema alfabético do PB, o professor ensinará seu aluno a atribuir os valores certos aos grafemas do texto. Abordaremos cada um dos pontos acima.

1.1. Distinção entre as vogais [-alt, -bx] /e/ e /o/ das [+bx] /ɛ/ e /ɔ/

Regra D3.3

A atribuição dos valores de vogal [-alt, -bx], isto é, /e/ e /o/, às letras “e” e “o” em ditongo decrescente oral depende da internalização da regra ortográfica que manda colocar o acento agudo quando elas representam as vogais [+bx], /ɛ/ e /ɔ/. Exs.: “**seu**” e “**céu**”, “**dois**” e “**dói**”, “o **apoio**”, por oposição a “eu **apóio**”, “ele **ateia**” a “**atéia**”.

D3.4.2 Descodificação das letras “e” e “o” na metafoia verbal

A aplicação de conhecimentos morfossintáticos permite, por exemplo, a utilização das regras de **metafoia verbal**, internalizadas precocemente no processo de aquisição da linguagem. Sendo assim, identificado “gosto” como verbo, na cadeia “eu gosto”, o “o” será lido com o valor de /ɔ/, em virtude da harmonia vocálica entre a vogal do radical /o/, com a vogal temática subjacente da 1ª conjugação /a/. A sistematização abaixo permite atribuir os valores de [+bx] ou [-bx] às letras “e” e “o”, a partir da derivação verbal do sistema do presente, que é onde se aplica a metafoia verbal.

D3.4.2.1 Sistema do presente

O sistema do presente é constituído do **pres. do ind.**, (menos a 1ª e 2ª pess. pl., formas arrizotônicas, que derivam do infinitivo), do **pres. do subj.** e dos **imperativos** (menos a 2ª pess. pl. do imperat. afirmativo.).

É importante fazer a distinção entre **formas rizotônicas** e **arrizotônicas**, no sistema verbal. São **rizotônicas todas as pessoas do singular** e a **3ª do plural do sistema do presente**, ou seja, aquelas em que o acento de intensidade recai sobre a última vogal do radical como em “eu levo”, “tu escreves”, “ele refere”, “eles levam”, conforme a tabela abaixo. São **arrizotônicas**, todas as formas verbais em que o acento de intensidade recai sobre a vogal temática ou sobre a vogal dos morfemas que a sucedem como “nós cantamos”, “eu cantarei”.

Observe que a vogal temática, na tabela a seguir, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, foi assimilada na superfície pela desinência de pessoa e número, mas continua tendo seus efeitos sobre a última vogal do radical, que recebe o acento de intensidade em todas as pessoas do singular e terceira do plural, as formas **rizotônicas**.

Sendo assim, se o radical contiver, no infinitivo, como última vogal uma [-alt, -bx], isto é, /e/ ou /o/, redundará na 1ª pess. sing. na aplicação da harmonia

vocálica: na 1ª conjug. tornam-se [+bx], ou seja, /ɛ/ ou /ɔ/, salvo se depois delas ocorrer uma consoante [+nas], /m/, /n/, /ɲ/, como em “eu tomo”, “eu abono”, “eu empenho”; na 2ª conjug., as vogais /e/ ou /o/ do radical permanecem idênticas e na 3ª conjug. assimilam o traço [+alt], ou seja, tornam-se /i/ ou /u/ (vide exemplos, na Tabela 3).

Antes de uma consoante [-ant, +cor], isto é, /ʃ/ ou /ʒ/ (contexto produtivo apenas na 1ª conjug.), a harmonia vocálica dependerá do radical nominal do qual o radical verbal é cognato, isto é, se o radical nominal contiver uma vogal [+bx], ou seja, /ɛ/ ou /ɔ/, ou [-alt, -bx], isto é, /e/ ou /o/, ela se mantém na 1ª pess. sing. do pres. do ind. e seus derivados, como em “eu flecho” → /ew ˈfleʃu/ e “eu arrocho” → /ew a ˈRofu/. Nos verbos da 1ª conjug., antes de uma consoante [-ant, +lat], isto é, /ʎ/, não aplica a harmonia vocálica, segundo a norma de prestígio, como em “eu espelho” → /ew iS ˈpeʎu/, embora a tendência atual, na fala coloquial, seja na direção da aplicação da regra geral, baixando a vogal.

Na segunda pessoa do singular e terceiras pessoas, reaparece a vogal temática átona e aplica uma regra morfológica: em todas as conjugações as vogais [-alt, -bx], isto é, /e/ ou /o/, na última sílaba do radical, se tornam [+bx] (consultem-se os exemplos na Tabela 3), salvo se elas forem nasalizadas ou ocorrerem antes de consoante nasal /m/, /n/ ou /ɲ/, como em “tu empenhas”, “ele come”, “eles fremem”, embora na 3ª. conjug. sejam raras as ocorrências, sendo alguns verbos defectivos. Aplica-se a outra restrição já examinada em relação à 1ª. pess. sing. (contexto com a consoante [-ant, +cor], isto é, /ʃ/ ou /ʒ/, produtivo apenas na 1ª conjug.). Observe que, na terceira pessoa do plural, a letra “m” marca a desinência e a nasalização da vogal temática: ambas passam a ser lidas como um ditongo nasalizado. A letra “e” assinala na 2ª e 3ª pess. sing. a neutralização da vogal temática átona, na maioria das variedades sociolingüísticas, na 2ª e 3ª conjugações, lendo-se, então, como /i/ átono.

Como o pres. do subj. bem como o imperat. (exceto as 2ªs pess. do imperativo.

TABELA 3. Descodificação das formas **rizotônicas** do sistema verbal

VT	1 ^a conj. /-a-/ [+bx]	2 ^a conj. /-e-/ [-alt, -bx]	3 ^a conj. /-i-/ [+alt]
Pres. ind. VT	/-a-/ ~ /ã/	/e/ ~ /i/ ~ /ê/	/i/ ~ /ê/
sing.			
Harmonia Vocálica			
Sing.			
1 ^a	“levo” → / ^l levu/	“movo” → / ^l movu/	“firo” → / ^l firu/
Regra morfológica: [+bx]			
2 ^a	“levas” → / ^l levaS/	“moves” → / ^l mōviS/	“feres” → / ^l feriS/
3 ^a	“leva” → / ^l leva/	“move” → / ^l movi/	“fere” → / ^l feri/
pl.			
3 ^a	“levam” → / ^l levãw/	“movem” → / ^l mōvěj/	“ferem” → / ^l ferēj/
Derivação da 1^a pess. sing., do pres. ind.:			
Pres. subj., imperat. neg. (todo) e afirmat. (menos as 2^as pess.)			
Morfema modo/temporal			
Sing.	/e/ ~ /i/ ~ /ê/	/-a-/ ~ /ã/	/-a-/ ~ /ã/
1 ^a	“leve” → / ^l levi/	“mova” → / ^l movã/	“fira” → / ^l firã/
2 ^a	“leves” → / ^l leviS/	“movas” → / ^l movãS/	“firas” → / ^l firãS/
3 ^a	“leve” → / ^l levi/	“mova” → / ^l movã/	“fira” → / ^l firã/
pl.			
3 ^a	“levem” → / ^l levěj/	“movam” → / ^l movãw/	“firam” → / ^l firãw/
Derivação da 2^a pess. sing., do pres. ind.:			
2^a pess. sing. do imperat. afirmat. menos /S/ (morfema modo/temporal = zero)			
	“leva” → / ^l levã/	“move” → / ^l mōvi/	“fere” → / ^l feri/

afirmativo) derivam da 1^a pess. do sing. do pres. do ind. e a 2^a pess. do sing. do imp. afirmat. deriva da 2^a pess. do sing. do pres. do ind., preservam os efeitos acima descritos.

D3.4.3 Descodificação das letras “e” e “o” nas formas arrizotônicas

Complementarmente à descodificação das letras “e” e “o”, quando em último lugar do radical das formas rizotônicas como /ɛ/ ou /ɔ/, conforme examinado acima, estas mesmas letras na mesma posição serão lidas sempre como /e/ ou /o/, nas formas **arrizotônicas**, isto é, na 1^a e 2^a pess. pl. no sistema do presente e em **todas as pessoas/número dos demais tempos**, que são arrizotônicos, cf. os exs. “levemos” → /le^lvemuS/, “bebais” → /be^lbajS/, “cortei” → /koR^ltej/, “levava” → /le^lvava/.

D3.4.4 Leitura de “e” e “o” como [+bx] em verbos irregulares no sistema do perfeito

O grafema “e”, que representa a vogal temática nos verbos irregulares a seguir, no sistema do perfeito, tem o valor da vogal [+bx] /ɛ/, portanto, também nos derivados m.-q.-perf. do ind., no pret. imperf. e fut. do subj.: “estiveste” → /eSti'vɛSti/, “deste” → /'dɛSti/, “pudeste” → /pu'dɛSti/, “puseste” → /pu'zɛSti/, “tiveste” → /ti'vɛSti/, “fizeste” → /fi'zɛSti/, “trouxeste” → /trow'sɛSti/ ~ /tro'sɛSti/, “disseste” → /di'sɛSti/, “coubeste” → /kow'bɛSti/ ~ /ko'bɛSti/, “soubeste” → /sow'bɛSti/ ~ /so'bɛSti/, “houveste” → /ow'vɛSti/ ~ /o'vɛSti/, “aprouveste” → /aprow'vɛSti/ ~ /apro'vɛSti/, “comproveste” → /kõprow'vɛSti/ ~ /kõpro'vɛSti/, “vieste” → /vi'ɛSti/.

1.2. Distribuição distinta das consoantes em travamento silábico, em particular, das consoantes nasais: ditongos e vogais nasalizadas

São as seguintes as regras que importa internalizar nos alunos:

D1 “õ” → /õ/ “põe”; “ã” → /ã/ “rã”.

“õ” sempre vem seguido do grafema “e” e será lido como centro do ditongo nasalizado /õj/, enquanto “ã”, poderá ou não ser seguido de outro grafema, porém será sempre lido como a ~realização da vogal nasalizada /ã/.

Regra D2.12

$$\begin{pmatrix} \text{“m”} \\ \\ \text{“n”} \end{pmatrix} \rightarrow /j/ / \begin{pmatrix} \left\{ \begin{array}{l} \text{“e”} \\ \text{“ê”} \end{array} \right\} _ \# \\ \\ \left\{ \begin{array}{l} \text{“e”} \\ \text{“é”} \end{array} \right\} _ (\text{“s”}) \# \end{pmatrix}$$

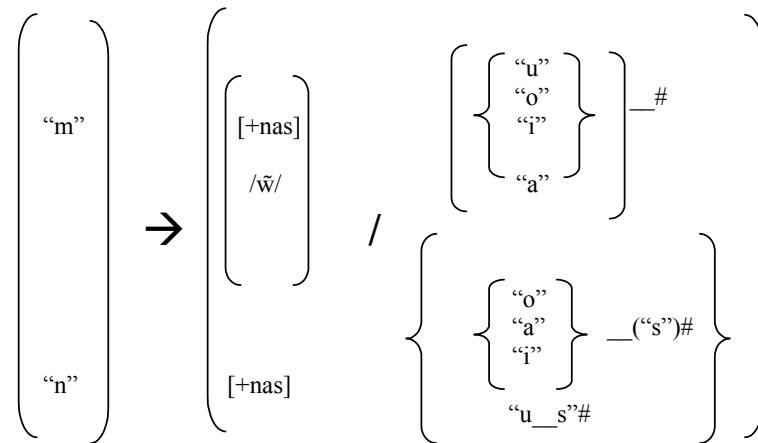
A letra “m” depois da letra “e” com ou sem acentos gráficos, quando estiver em final de vocábulo, ditonga e nasaliza a vogal precedente, como em “ele tem”, “eles têm”, “ele contém”, “bem”, “alguém”, “homem”; a letra “n”, seguida ou não da letra “s”, em final de vocábulo, depois de “e” e “é”, tem o mesmo efeito, como em “tu tens”, “tu deténs”, “hífen”.

Regra D2.13

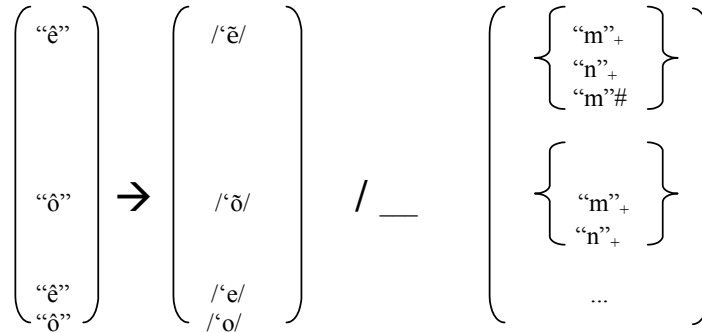
$$\begin{pmatrix} \text{“m”} \\ \\ \text{“n”} \end{pmatrix} \rightarrow [+nas] / \text{“V”} _ + \begin{pmatrix} \left\{ \begin{array}{l} \text{“p”} \\ \text{“b”} \end{array} \right\} \\ \\ \dots \text{“C”} \end{pmatrix}$$

Em final de sílaba, as letras “m” antes das letras “p” e “b” e “n” antes das demais letras que representam a realização das demais consoantes nasalizam a vogal precedente. Ao nasalizar a vogal precedente, simultaneamente, a cavidade bucal se prepara para articular a consoante que inicia a sílaba seguinte. Faça o seguinte exercício: pense na palavra “tampa”, mas diga só a primeira sílaba, olhando-se ao espelho; agora faça o mesmo com “tanta” e com “tanga”. Isto decorre do fenômeno chamado de coarticulação, em que os gestos fonoarticulatórios imbricam uns com os outros. Você pode fazer este exercício em sala de aula, pedindo aos alunos, aos pares, para se observarem intercaladamente. Exs. de ocorrência da regra 2.13 são “pomba”, “tampa”, “anda”, “anta”, “tanga”, “cinco”, “ninfa”, “onça”, “onze”, “lanche”, “canja”, “honra”.

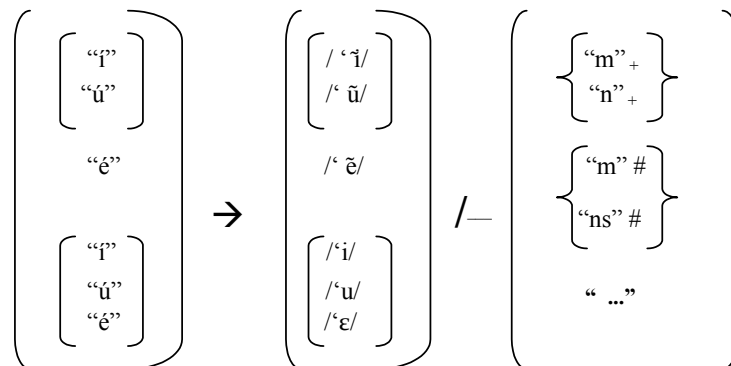
Regra D2.14



A letra “m”, no final de palavra, nasaliza as vogais representadas pelas letras “u”, “o” e “i”, como em “um”, “álbum”, “tom”, “vim”; depois da letra “a”, a letra “m” em vocábulos paroxítonos, além de nasalizar, ditonga, como nas 3as. pessoas do plural dos verbos, p. ex., “cantaram”: são raras as palavras em que o “m” final depois do “a” ocorre em oxítonos ou monossílabos tônicos, apenas nasalizando, em geral, empréstimos ou siglas, como em “RAM” e “Sudam”. A letra “n”, em vocábulos que não oxítonos ou monossílabos tônicos, seguida ou não de “s”, nasaliza a vogal representada pelas letras “o”, “a”, e “i”, sendo mais freqüente a ocorrência depois da letra “o”; depois de “u”, o “n” ocorre nos plurais das palavras terminadas em “um”; depois de “a” e de “i” é rara, em geral, em siglas e/ou empréstimos. Exs.: “néon”, “cânon”, “micron”, “epsilon”, “mórmon”, “eléctron”, “cólofon”, “albuns”, “iman”, “pidgin”. A ocorrência nos oxítonos e monossílabos tônicos vêm crescendo com a entrada de siglas e/ou empréstimos, o que contraria a grafia canônica do sistema, desde os mais antigos como “agon”, “armagedon”, “panteon” (do gr.); “escarpin”, “jeton”, “Leblon” (do fr.), até os mais recentes como “AMAN”, “ciclotron”, “login”, “Procon”.

D2.19.1 Leitura do circunflexo

As letras “e” e “o” com o circunflexo, como em “ê”, “ô”, quando não seguidas das letras “m” ou “n”, na mesma sílaba, devem ser lidas, respectivamente, como representando a realização das vogais orais com maior intensidade [-alt, -bx], /'e/ e /'o/, inclusive nos monossílabos, como em “lêvedo”, “tônus” e “pôs”. Quando as letras “e” e “o” com o circunflexo, como em “ê” e “ô”, forem seguidas das letras “m” ou “n” na mesma sílaba, devem ser lidas, respectivamente, como a realização das vogais nasalizadas /'ë/ e /'õ/ com maior intensidade, conforme os exs. “têmpora”, “ênfase”, “cômputo” e “côncio”. Na regra **2.19.1** deixa de figurar o grafema “â”, por ter leitura unívoca e já constar da regra **D1**. Observe-se que o circunflexo na última sílaba (oxítonos ou monossílabos tônicos) só ocorrerá sobre o “e”, seguido de “m”, nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo dos verbos “ter”, “vir” e seus derivados. Neste caso, o “ê” será lido como [‘ê], centro silábico do ditongo [‘êj]: o circunflexo atua como um acento diferencial morfossintático, uma vez que diferencia as terceiras pessoas do plural das do singular, como em “eles têm” *versus* “ele tem”; “eles contêm” *versus* “ele contém”, servindo, portanto, como marca coesiva para a recuperação do sujeito quando vazio (elítico) e/ou representado pelo pronomes relativo.

D2.19.2 Leitura do acento gráfico agudo

1) Quando as letras “i” e “u”, com acento gráfico agudo, forem seguidas das letras “m” ou “n”, na mesma sílaba, devem ser lidas como a realização das vogais nasalizadas de maior intensidade /^hi/ e /^hũ/, respectivamente, como em “límpido”, “síncope”, “cúmplice” e “anúncio”. O acento gráfico em tal contexto nunca ocorre em final de vocábulo.

2) A letra “e” com acento gráfico agudo, como em “é”, quando for seguida das letras “m” ou “ns”, só pode figurar em final de vocábulo não monossílabo. Será lida, então, como a vogal nasalizada de maior intensidade /^hẽ/ no ditongo nasalizado /^heĩ/. Exs.: “ele contém”, “alguém”, “tu deténs”, “armazéns”.

Nos demais contextos, as letras “i”, “u” e “e” com acento gráfico agudo, como em “í”, “ú”, “é”, isto é, não seguidas das letras “m” ou “n” na mesma sílaba, devem ser lidas, respectivamente, como a realização das vogais orais com maior intensidade /^hi/, /^hu/ e /^he/ como em “líquido”, “úteis”; “lépido”, “trégua”, “café”, “pé”. As letras “o” e “a” com acento gráfico agudo deixam de figurar na regra **D219.1** porque já constam das regras **D1**, independentes de contexto.

Regra D2.20 Nasalização das vogais

$$\text{“v”} \rightarrow / \nabla / _ \left(\begin{array}{c} \left\{ \begin{array}{c} \text{“m”} \\ \text{“n”} \end{array} \right\} \\ \text{“ns”} \end{array} \right) \left(\begin{array}{c} \left\{ \begin{array}{c} + \\ \# \end{array} \right\} \\ \# \end{array} \right)$$

Pela regra **2.20**, as letras que representam as vogais antes de “m” ou “n” em final sílaba ou de vocábulos, ou de “ns”, em final de vocábulos, se lêem como vogais nasalizadas, p. ex., “limpo”, “vincar”, “vim”, “capim”, “jamins”, “vem”, “nuvem”, “tens”, “nuvens”, “tempo”, “vento”, “nunca”, “um”, “álbuns”, “tons”, “tom”, “garçom”, “sombra”, “onça”, “tampa”, “cataram”.

1.3. Inexistência da oposição /s/ vs /z/

Trata-se de uma das maiores dificuldades perceptuais e fonoarticulatórias para os falantes do espanhol, quando aprendem o português. Os valores atribuídos aos grafemas poderão auxiliá-los a diminuir esta dificuldade.

Regra D2.1

$$\text{“s”} \rightarrow \left(\begin{array}{c} /s/ \\ /z/ \end{array} \right) / \left(\begin{array}{c} \# - \\ \left\{ \begin{array}{c} \text{“n”}_+, \text{“l”}_+, \text{“r”}_+ - \\ \text{“v”}_+ - \text{“v”} \end{array} \right\} \end{array} \right)$$

Deve-se ler a regra acima, da seguinte forma: o grafema “s” se lê como a transposição à realização do fonema /s/, quando estiver em início do vocábulo, como em “sapo”, ou quando, em início de sílaba, estiver depois das letras “n”, “l” ou “r” como em “ganso”, “bolsa” e “urso”; o grafema “s” se lê como a transposição à realização do fonema /z/ quando estiver entre as letras que representem as vogais ou semivogais como em “mesa”, “deusa”, “casual”, “Ásia”. Observe-se que a letra “n” na regra **D2.1** está nasalizando a vogal precedente e que o “l” é lido na maioria das variedades sociolingüísticas como a semivogal [w], mas, como estamos vendo, o valor dos grafemas é determinado pelas letras que os circundam e não pelos fonemas.

Regra D2.3

$$“s” \rightarrow | S | / -_+ “C [a son]”$$

O [ason] significa que | S |, em sua realização, copia o traço sonoro se a letra seguinte representar uma consoante sonora, ou seja, “b”, “d”, “g”, “v”, “m”, “n”, “l” e “r” e copia o traço [-son], se ela representar uma surda, isto é, “p”, “t”, “c”, “q” e “f”, conforme os exs. “lisboeta”, “transdução”, “esgoto”, “desvario”, “cósmico”, “asno”, “dislexia”, “Israel”, “respeito”, “costa”, “casca”, “pesquei”, “esfolar”.

O grafema “s” em final de sílaba interna de vocábulo vai ser lido de várias formas, dependendo da variedade sociolingüística do leitor e da letra que representar consoante na sílaba seguinte. P. ex., na palavra “pasto”, se o leitor for ilhéu de Santa Catarina, lerá [‘paftu], (isto é, usará a [+obstr, +cont, -ant, +cor, -son], tradicionalmente conhecida por fricativa palatal surda); se for gaúcho, lerá [‘pastu], (isto é, usará a [+obstr, +cont, +ant, +cor, -son], conhecida como fricativa alveolar surda). O mesmo leitor ilhéu lerá a palavra “mesmo” como [‘mezmu], (isto é, [+obstr, +cont, -ant, +cor, +son], conhecida como fricativa palatal sonora) enquanto se for gaúcho lerá [‘mezmu], (isto é, [+obstr, +cont, +ant, +cor, +son], conhecida como fricativa alveolar sonora).

Como a palavra não mudou de significado, ocorreu, em virtude da variedade sociolingüística e do contexto fonético, a **neutralização das funções dos traços**: por isto, utilizamos o | S | maiúsculo entre barras paralelas, para simbolizar o arquifonema que reúne todos os traços mencionados. **É interessante observar que a escrita preserva este princípio, ou seja, embora os leitores atribuam valores fonéticos diferentes conforme a variedade sociolingüística e a letra que representa a consoante que vem depois, a letra é uma só, “s”.**

Regra D2.4

$$\left\{ \begin{array}{l} “s” \\ “z” \end{array} \right\} \rightarrow | S | / _ \#$$

Pela regra 2.4 tanto os grafemas “s” quanto “z” quando vierem em final de palavra são transpostos para as realizações do arquifonema | S | . Poderão ocorrer os seguintes contextos escritos: 1) sinal de pontuação que assinala pausa silenciosa: neste caso, se lêem como [+obstr, +cont, -ant, +cor, -son], se o falante pertencer a uma variedade como a carioca, ou [+obstr, +cont, +ant, +cor, -son], se pertencer a uma variedade como a paulista, como em “Eu fiz.” ou “Eu quis.”; 2) grafema que represente uma consoante, iniciando a palavra seguinte: neste caso, se estende a regra **D2.3** à leitura do grafema “z”, como nos exs. “Eu fiz tudo.” e “Eu quis brincar.”; 3) grafema que represente vogal iniciando a palavra seguinte: neste caso se estende a parte final da regra **D2.1**, isto é, no contexto intervocálico, à leitura de “z”, ou seja, “s” e “z” serão lidos como [+ant, +cor, +son], como em : “Eu fiz assim.” e “Eu quis amar.”

Regra D2.5

$$“z” \rightarrow /z/ \left\{ \begin{array}{l} \# _ \\ “+ _ V” \end{array} \right\}$$

A regra **D2.5** diz respeito à leitura de “z”, em início do vocábulo como em “zebra” e em início de sílaba, antes de letra que represente vogal, como em “fazer”, “belzebu”, “catorze”, “bronze”, “judeizar”, isto é, terá sempre o valor da realização do fonema /z/, ou seja, [+obstr, +cont, +ant, +cor, +son]:

1.4. Diferenças de prosódia

Regra D3.1

A forma padrão canônica do vocábulo da língua portuguesa, quanto ao acento de intensidade, é o vocábulo paroxítono, por isto, estes vocábulos, só mediante certas condições recebem o acento gráfico. Em decorrência, todo o vocábulo sem acento gráfico, com duas sílabas ou mais, terminado pelas letras “e”, “o” e “a”, seguidas ou não de “s”, deve ser lido como paroxítono, isto é, com acento de intensidade na penúltima sílaba, como p. ex., “casa”, “porta”, “comida”, etc., salvo raros vocábulos com duas sílabas átonos, como, por exemplo, a preposição “para” e a combinação da preposição “por” mais os artigos definidos “o(s)” e “a(s)”, como “pelo(s)”, “polo”, ou “porque”, cuja atonicidade só é percebida na cadeia da leitura e não quando lidas isoladamente. No entanto, os vocábulos de maior freqüência de uso são os monossílabos e dissílabos átonos: artigos, preposições, pronomes e conjunções, como, p. ex.: “o(s)”, “a(s)”, “de”, “por”, “que”, “se”, “porque”..

2. Conclusões

Nesta apresentação nos propusemos demonstrar que o ensino de línguas a falantes adultos não nativos deve também utilizar estratégias metalingüísticas e

metacognitivas que poderão aplainar as dificuldades que tais falantes nativos têm, ao terem automatizado padrões perceptuais e gestos fonoarticulatórios que discrepem da língua a ser adquirida, portanto, a aprendizagem da leitura e da escrita na língua-alvo, inteligentemente direcionada, poderá ser um dos instrumentos lingüísticos para tais estratégias metalingüísticas e metacognitivas, dado seu efeito retroativo sobre as unidades representadas na mente. Sendo o sistema alfabético do PB extremamente transparente para a leitura, passa a ser, sem dúvida, um destes instrumentos.

A seguir pormenorizamos as regras de descodificação que, se incorporadas pelos falantes do espanhol, ao aprenderem o português, poderão ajudá-los a, metacognitivamente contornar áreas de grande dificuldade perceptual e fonoarticulatória, a saber: a distinção entre as vogais [-alt, -bx] /e/ e /o/ das [+bx] /ε/ e /ɔ/; a distribuição distinta das consoantes em travamento silábico, em particular, das consoantes nasais: ditongos e vogais nasalizadas; a inexistência da oposição /s/ vs /z/ e as diferenças de prosódia.

Esperamos, assim, ter contribuído com uma ferramenta que poderá auxiliar os professores do PB para falantes nativos do espanhol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SCLIAR-CABRAL, Leonor. 2003a. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. 1^a. ed. São Paulo: Contexto.
- _____. 2003b. *Guia prático de alfabetização, baseado em princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. 1^a. ed. São Paulo: Contexto.